

Memórias e Identidades e Processos Migratórios

Rubens de Moraes Silva*

Resumo: Neste artigo tenho como objetivo interpretar experiências de um grupo familiar que revela suas identidades ao relatar suas memórias em temporalidades e espacialidades diferentes, num processo migratório entre Bonfinópolis de Minas (MG) e Brasília (DF). Em narrativas orais e outras fontes por mim selecionadas neste estudo, considero práticas culturais, seja na região rural, seja na cidade grande, para evidenciar que pessoas integrantes desta família criam estratégias de convivência em ambientes diferentes, com outros variados grupos sociais, ao enfrentarem desafios, antes impensáveis em suas vidas na região de onde migraram. Essas estratégias podem, assim, revelar traços de auto-estima e de identidade nessa capacidade de superação, os quais parecem estimular esses integrantes a (re)lembrarem experiências anteriores, naquela região rural, para onde às vezes voltam e de onde retornam ao tentarem reviver, com certa nostalgia, momentos históricos de uma migração que busco interpretar como movimento pendular.

Palavras-chave: migrações, identidades e memórias.

Abstract: The intent of the present article is to describe and interpret oral narratives and selected bibliographic references based on the experiences of a family group whose member narrate their memories and their different identities, temporal and spacial characteristics, throughout the process of their migration from Bonfinópolis (MG) to Brasília (DF). Among the many examples of their narratives, I have selected some cultural practices typical of both rural and urban centers which illustrate their creative capacity of living in different environments, with different social groups, facing challenges which would have been unthinkable in their former rural lives. These experiences reveal their self-esteem through their ability to overcome problems. Yet always present is the remembering, sometimes even return in an attempt to relive – with a good deal of nostalgia – the “good times” they had back in Bonfinópolis, Minas Gerais, in a migration process which could be characterized as pendular movement.

Key-words: migrations, identities and memories.

Introdução

“Brasília, capital da esperança”! Sob este sonho dourado divulgado pelas publicidades governamentais na época da fundação desta cidade, grandes correntes migratórias formaram-se em direção ao Distrito Federal.

* Professor da Universidade Católica de Brasília (UCB). Mestre em História Cultural pela UnB. Email: rubenss@ucb.com.br.

Neste artigo procuro interpretar significados e sentidos desses processos migratórios na vida de 12 pessoas por mim entrevistadas (Cfr. anexo no final deste artigo). São membros de uma família conhecida por seus vizinhos como Família do Manelim. Eles nasceram em Bonfinópolis de Minas (MG), que costumam chamar de Bonfinópolis. Atualmente moram na cidade de São Sebastião (DF) e têm idades variadas entre 39 e 70 anos. Todas entraram em Brasília num espaço aproximado de 30 anos, ou seja, entre 1970 e 2000. Dizem que seus antepassados eram baianos que fugiram de períodos de seca por volta dos anos 40 ou 50, conforme relata Amado: “Meu bisavô veio procurando melhora, por causa da seca lá na Bahia. Contavam que lá plantavam e perdiam a planta. Passavam muita necessidade de alimentação”. Somaram-se aos milhares e milhares de migrantes que formam hoje a população de Brasília, como diz Laureano, um dos entrevistados: “O estilo de Brasília é dos imigrantes que chegam, com seus costumes, e que fazem aquele estilo”.

No filme brasileiro “Narradores de Javé” (CAFFÉ, 2002), a autora desenvolve um tema em que moradores buscam defender a preservação da cidade do mesmo nome, Javé, diante da iminência da construção de uma represa no Rio São Francisco. A solução era declarar estas terras como patrimônio histórico, o que impediria a obra, e também a inundação da cidade. Para defender este patrimônio, esses moradores tentaram reconstruir sua história, onde reconstroem seus mitos fundadores, homens e mulheres, com trajetórias que têm elementos comuns e também muitas diferenças, a começar pelos personagens Indalécio, líder de homens valentes e Maria Dina, liderança de corajosas mulheres.

De certa maneira, eu me senti como Antonio Biá, o que escreveria a história de Javé, e protagonista desse filme. Tentei conhecer figurantes de uma outra história, sem a pretensão que fossem como Indalécios e Marias Dinãs de seu grupo social, viajando entre consensos e estranhamentos de seus processos migratórios. Esta obra cinematográfica inspirou-me neste trabalho – não congelando o passado, mas dinamizando o presente - no sentido de conhecer e ajudar a preservar o patrimônio cultural, práticas e saberes de uma família, recortando em suas histórias de vida, a experiência de processos migratórios entre a cidade de Bonfinópolis de Minas (MG) e Brasília (DF). Assim como a cidade de Javé, nesta obra cinematográfica, Bonfinópolis também esteve muito ligada, no passado, à cidade de São Romão, situada nas margens do Rio São Francisco, assim Diz Juvenal:

São Romão é uma história de meu avô. Eles iam a cavalo, com cargas, com burros atrás de querosene, chapéus, ferramentas. Lá havia comércio. Era um tipo de romaria. Levavam tocinho e outras coisas produzidas no interior

para serem trocadas por outras coisas que não tinham condições de serem produzidas em nossas terras.

A vida em Bonfinópolis

As narrativas sobre a vida desta família em Bonfinópolis são muito amplas e cheias de significados. Tomemos partes destas narrativas para conhecermos sua vida nesta cidade, antes da mudança para Brasília.

A entrevistada Maria das Dores recorda-se de seu velho pai: “Meu pai era um homem pobre. Foi ganhando a vida assim, tirando sorte do gado que ele olhava. Mas a gente trabalhava muito”. Seu concunhado Vicente se lembra dos conflitos de terra: “Aí derrubaram a cerca. O fazendeiro mandou a polícia. Mataram uma das pessoas da família de meu pai. Eles ficaram traumatizados e largaram essa fazenda. Ficamos sem terra. Aí viemos parar aqui”. Alda também se lembra de fatos violentos no local, mas não esconde seu apreço pela sua terra de origem: “Aí o fazendeiro começou a pressionar pra meu pai pagar arrenda. Foi quando meu pai resolveu sair. Meu tio foi assassinado. Depois disso saiu todo mundo de lá e a gente está por aí... Bonfinópolis é o meu berço”.

Manelim se lembra de sua casa como um local de passagem de muita gente: “Era um lugar que vivia quase direto gente pousando, porque era uma beira de estrada”. A entrevistada Amélia acrescenta: “Uns de mudança e outros passeando, tocando boiada, indo para Lages (local de origem de Bonfinópolis onde aconteciam grandes festas religiosas) e levando boteco (ou seja, comerciantes com barracas)”.

Maria José relata: “Os mesmos pés que eu ia pra roça trabalhar eu ia pra festa dançar”. E indo trabalhar para um fazendeiro, conta sua dura experiência: “Um dia reclamei. Falei que estava precisando tratar melhor a gente”. E o fazendeiro, revoltado, foi buscar carne de gado: “Ele colocou uma ‘pá-de-vaca’. Só que, a carne mesmo, acho que ele comeu. Mas o osso, bem grandão assim, ele colocou no meu prato e ficou sendo uma arapuca. Chorei até, mas comi, precisava comer. Quando a gente não tem saída a gente agüenta”.

Em Bonfinópolis era preciso ter muita criatividade para manter muitas práticas e assim satisfazer necessidades básicas, como a fabricação de objetos e utensílios de uso mais freqüente. Para vasilhas de cozinha, raramente conseguiam dinheiro ou condições de adquirir algo em cidades mais distantes. Chegaram a usar argila para fabricar esculadeiras, vasilhas para fazer café. Fabricavam lamparinas de latas de óleo que, aos poucos, eram ali

comercializadas, substituindo a gordura suína. Faziam pavios com o algodão que plantavam. Do algodão também tiravam o tecido para fabricar suas roupas, que eram trabalhadas nas velhas tecnologias do tear.

Os calçados eram feitos de couro de gado, ou até de talas de bananeira para as crianças. Eram chamadas de alpercatas. Brinquedos eram feitos de materiais da natureza, como bonecas de sabugo de milho e bolas de uma planta chamada lobeira. Do mato traziam cabaças, principalmente o coité, um tipo de cabaça mais fina e mais dura. Os fogões eram simples trempes de três pedras no chão do quintal. Depois fizeram fogões de barro dentro de casa, embelezados com estrume de gado, misturados com argila. Aos poucos chegaram lá chapas de ferro, compradas longe. Surgiu, então, explica Alda, o fogão-de-rabo que até permitia às pessoas agacharem-se em cima pra esquentar o corpo antes de irem para a roça. Por ser difícil conseguir fósforo ou querosene, a dificuldade maior era produzir e conservar o fogo. Era tirado de artifícios primitivos, montados com algodão, chifre de gado, pedras-de-fogo, pedaços de ferro de ferramentas. Uma das madeiras usadas para conservar o fogo durante a noite era o tingui, que demorava muito para queimar e assim atravessava a noite.

Instrumentos de música, como o berimbau, exigiam não somente material adequado da natureza e a criatividade dos fabricantes, mas também tocadores prendados, como explica Manelim: “Também era raro ter um que batia o berimbau até porque tinha que ter a boca grande, grandona mesmo, senão não dava o som”. Nesse processo migratório, exigia-se muita criatividade para cuidarem da própria saúde, com uso detalhado de muitos tipos de plantas e outras práticas, como os benzimentos e os interessantes rituais do trabalho de parto.

A vida na roça de Bonfinópolis dependeu de muita sabedoria que esta família ainda conserva na vida da cidade. André se lembra do ensinamento de seu velho pai: “Aprender a fazer de tudo o que der conta e usar o que for preciso no momento da necessidade. Daí o mundo vai rodando e a necessidade vai chegando”.

E a vida, de fato, foi passando, até que um dia começaram a cruzar sobre suas cabeças os primeiros aviões, até então desconhecidos. Diz André: “E meu pai falou assim: ‘É o tal do avião, vamos correr, vamos entrar nesse mato aqui que ele pode cair em nós’. E passamos no buraco da cerca e ficamos lá no mato espiando o avião. E não caiu em nós nada, e passou, mas como a gente não conhecia...”. E Vicente completa: “Passava uns aviões grandes, e falavam: ‘Aquele avião está levando material para construir Brasília’”. Depois de uns anos em Brasília, André foi ainda trabalhar no aeroporto, do que se orgulha.

O surgimento de Brasília

Brasília, como vemos, nasceu também de experiências e saberes de pessoas, como as da Família do Manelim. São pessoas que vieram principalmente do noroeste de Minas Gerais e sul da Bahia, dentre outras regiões. Peluso e Oliveira (2006, p. 69-73), citando dados do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, dizem que, nos anos 70 e seguintes, a migração para o DF foi muito alta. O crescimento urbano anual do Brasil na década de 70 era de 55,9%, enquanto o DF, 96,0%. Na década de 80, o Brasil tinha um índice de urbanização de 67,6%, e o DF 96,8%. Em 1991, o Brasil subia ainda para 75,6%, e o DF, ia para 94,7%. Em 2000, o crescimento urbano brasileiro era de 81,2% e o DF 95,7%. Segundo dados da Codeplan (Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central), apresentados pelos autores acima, São Sebastião, onde agora vivem estas pessoas, foi uma das cidades do DF que tiveram maiores índices de crescimento, mais que dobrando sua população entre o ano de sua fundação (1993) e os inícios dos anos 2000.

Brasília tem, de fato, uma história que vai além de Juscelino, Lúcio Costa e Niemeyer, ilustres nomes das historiografias desta cidade. Paracatu (rio bom, na língua tupi), atualmente a 250 quilômetros de Brasília, abrangia a região hoje pertencente à Bonfinópolis. Essa cidade foi pensada como nova sede da capital federal. Moura (2007) diz que a colonização da região de Paracatu começou com a exploração mineradora, na terceira década do século XVIII, com as bandeiras de Felisberto Caldeira Brant, até então estabelecido nas minas de Goiás, e José Rodrigues Fróis, procedente da Bahia. Fróis foi um dos nomes do local onde está hoje a cidade de Bonfinópolis (UNIPAC, 2006). Este povoado foi elevado a distrito pela lei n.º 1.624, de 6 de novembro de 1869. Em 1923, a sede do distrito foi transferida para a povoação já chamada de Bonfim de Lajes, ou como dizem, Lajes, pela Lei n.º 843, de 7 de setembro de 1923.

Ao ser criada a cidade de Unaí (águas escuras, na língua tupi) em 1943 - desmembrada de Paracatu -, este novo município assumiu o distrito de Lages com a denominação de Fróis, em homenagem ao antigo desbravador deste sertão, acima citado. A Lei n.º 2.764, de 1962, elevou este distrito a município com o nome de Bonfinópolis de Minas. Hoje, Lages é um distrito de Bonfinópolis de Minas, ficando a uns 50 km da sede deste município. A história de Bonfinópolis está ligada, portanto, aos municípios de Paracatu e Unaí, na região noroeste de Minas Gerais.

Fróis e Caldeira Brant, segundo Moura (2007), criaram o povoado com o nome de Paracatu do Príncipe, em homenagem a D. João VI, em 1815. Este local tornou-se comarca, uma ampla região que fazia divisa com Goiás, Pernambuco, Bahia, São Paulo e Mato Grosso.

Diz Moura (2007) que “a administração pombalina (1750-1777) havia preparado a sociedade colonial para mudanças nas estratégias de colonização”. O iluminismo europeu provocou contradições com regiões do ouro, que teve seus levantes, principalmente a partir da Inconfidência Mineira. Segundo ele, mineradores, clero e escravos fugitivos, migraram em direção das matas e começaram a lidar com gado, diante de intensas perseguições por parte das autoridades que reprimiam tais levantes. Assim foram nascendo freguesias e vilas, e surgiram muitas fazendas, como as da região de Paracatu. Não podemos deixar de lembrar que estamos no tempo da Revolução Francesa (1789), com suas utopias de Igualdade, Liberdade e Fraternidade, que se espalharam por muitas regiões do mundo, inclusive o Brasil.

Conforme Couto (2001, p. 33-38),

Na sessão de 9 de Junho de 1823 da Assembléia Constituinte e Legislativa do Brasil, José Bonifácio (de Andrada e Silva) sugere a construção de nova capital na Comarca de Paracatu, Minas. Trecho: ‘Parece muito útil, até necessário, que se edifique uma nova capital do Império no interior do Brasil para assento da Corte, que a Constituição determinar. Essa Capital poderá chamar-se Petrópole ou Brasília’.

Mas a idéia da mudança da capital para o interior, conforme esse autor, também já tinha passado por discussões entre os Inconfidentes Mineiros em 1789. Em 1810, dois anos depois da chegada de D. João VI, seu conselheiro e desembargador Veloso de Oliveira sugeriu-lhe esta mudança, o que também chegou a ser defendido em 1813 por Hipólito José da Costa, editor do antigo jornal Correio Braziliense. A Constituição de 1891 determinou uma demarcação que foi cumprida pela comissão de Luiz Cruls em 1892. Em 1922, em meio a longas disputas políticas entre senhores das terras dessa região de Paracatu, foi lançada a pedra fundamental da capital federal não mais nessa cidade, mas em Planaltina, próxima do local onde hoje se situa Brasília:

Sendo presidente da República o senhor doutor Epiácio da Silva Pessoa, em cumprimento ao dispositivo do Decreto nº 4494, de 18 de janeiro de 1922, foi aqui colocada, em 7 de setembro de 1922, ao meio-dia, a pedra fundamental da futura Capital Federal dos Estados Unidos do Brasil (COUTO, 2001, p.46).

Mas, após grandes negociações políticas, os atuais limites do DF foram definidos por Juscelino Kubitschek de Oliveira em 1956, recém empossado presidente.

Diálogo teórico

Brasília é hoje uma obra urbanística e arquitetônica de reconhecimento mundial, mas também revela suas contradições sociais, como nos conflitos vividos por migrantes que aqui chegaram e continuam a chegar. Há muitas interpretações destes processos migratórios, e cada uma delas tem seu significado. Assim, busquei interpretar as narrativas de meus entrevistados acolhendo com atenção e carinho suas histórias, relacionando-as com o passado desta capital federal.

Desde o início, pude perceber que, em suas narrativas, há uma seletividade de temas ou assuntos, como diz Pollak (1992, p. 203): “A memória é seletiva (grifo do autor). Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. E nem tudo convém lembrar ou revelar. Por este motivo, diz Amélia: “As tristezas a gente nem gosta de comentar, mas faz parte da vida”. Ou como diz Laureano: “Minha vida foi um ziguezague. Sou um pouco dramático. Não é uma história boa pra se contar porque se torna um pouco triste. Mas a vida de família eu posso considerar maravilhosa”.

A memória de narrativas é provocada pelas pessoas com as quais convivemos. E, em cada contexto diferente, diferentes também são suas interpretações dos acontecimentos. Lembrar, para Halbwachs, diz Bosi (2004, p.55), “não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”. Um ditado popular diz que “Quem conta um conto aumenta um ponto”. Aumentar, no caso, não é ser infiel a uma pretensa história fixada no passado, mas é a maneira como cada pessoa experimenta, em sua temporalidade e seu mundo de ficção – sempre presente em cada narrativa - fatos vividos por ela, ou conhecidos através de outras pessoas.

Pollak (1992, p.201), também citando Halbwachs, diz que a memória deve ser entendida como “um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes”. Há narrativas nas quais os contadores são testemunhas pessoais de acontecimentos. Outras, nas quais se misturam seu testemunho pessoal e histórias contadas pelos antepassados. As narrativas das viagens da Família do Manelim a S. Romão para os escambos do tempo parecem que foi algo freqüente e, do qual, muitos deles participaram. Mas Manelim foi a esta cidade somente uma vez. Quando ele conta estes episódios, está falando do coletivo de sua família que remonta há muito tempo atrás. É o que o mesmo autor, acima citado, descreve como memórias vividas

“por tabela”. Por isso também diz Bosi (2004, p. 54), citando Halbwachs, que a memória tem seus quadros sociais. A memória não é antes uma relação entre a pessoa e sua subjetividade, e sim um trabalho que envolve a pessoa e seu grupo social.

A memória é uma herança cultural de seu grupo social, segundo expressão de Pollak (1992, p. 201-4). Ela se compõe de acontecimentos, personagens e lugares de vida que permanecem como vestígios nas narrativas de cada pessoa entrevistada. É uma construção tanto individual como coletiva. Ela se relaciona com o “sentimento de identidade” É “um fator extremamente importante do sentido de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”. Contando suas histórias, interpretam a cada dia um conjunto de informações que se tornam propriedades intelectuais e identidades comuns de seu grupo social.

Pollak relaciona a memória com a identidade e mostra que elas não são fenômenos compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. Elas são “enquadradas” no contexto do momento de quem faz uma narrativa, gerando ao mesmo tempo um trabalho de manutenção, coerência, unidade e continuidade da organização coletiva da qual ela faz parte (POLLAK, 1992, p. 206-207). A memória trabalha a identidade de um grupo principalmente em momentos de conflitos e confrontos. Em calmarias, não é necessário um grupo defender sua identidade. Mas, num processo migratório e seus dilemas, é fundamental.

Hall (2000, p. 103-107), ao tratar da identidade, faz ainda uma desconstrução do termo. Parte do conceito de identificação como “processo de subjetivação”. A identificação, interpretada por este autor conforme definição de Freud, “é a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa”. E ainda, referindo-se a este autor, diz que a identificação “não é aquilo que prende alguém a um objeto que existe, mas aquilo que prende alguém à escolha de um objeto perdido”. É um processo em contínua construção, “um processo nunca completado”.

Diz Hall (2000, p.108-111): “o conceito de identidade aqui desenvolvido não é, portanto, um conceito essencialista, mas um conceito estratégico e posicional”. O conceito de identidade não “assinala” um “núcleo estável do que passa, do início ao fim, sem qualquer mudança, por todas as vicissitudes da história”. E continua mostrando que este conceito “não tem como referência aquele segmento do eu que permanece, sempre e já, ‘o mesmo’, idêntico a si mesmo ao longo do tempo”, seja como pessoa ou aplicado à identidade de um grupo social determinado. As identidades não são unificadas, mas fragmentadas e fraturadas, “multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições”. Por serem

continuamente historicizadas, elas passam por contínuas mudanças e transformações, cada personagem histórico, em cada lugar e em cada acontecimento, como afirma Pollak (1992, p. 201-202).

Hall mostra então que identidade é uma busca de algo que falta fora de nós mesmos, um exercício de poder que exclui o diferente. As identidades, segundo ele, devem “ser lidas a contrapelo” das diferenças, pois continuamente “são desestabilizadas por aquilo que deixam de fora”. Diz este autor: “Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura (grifo do autor)...” (HALL, 2000, p.111-112). A construção das identidades, como vemos, tem uma mescla de suturas e rupturas. “As identidades são, pois, pontos de apego temporário” (HALL, 2000, p.108-111).

A partir deste diálogo teórico é mais fácil entender o conjunto das narrativas da Família do Manelim. Brasília, para esta família, foi uma construção histórica com muitos percalços. Alda entendia que Brasília era um lugar onde “alguém falava e a gente tinha que obedecer. Era feito por polícia. Era uma ordem que a gente tinha que acatar”. Manelim diz que ouvia falar das coisas feias dos militarismos e obras de Brasília. Ele, assim como outros entrevistados, também interpreta esses processos migratórios com piadas. Aliás, não é tão raro estes narradores e narradoras fazerem piadas e provocarem muitos risos em cima de fatos traumáticos do passado. Pode ser uma catarse ou expressão de vitória sobre situações difíceis que foram superadas.

Apesar das diferentes maneiras de interpretarem suas histórias, havia certo consenso acerca da visão que tinham de Brasília. Maria José fala da superação de medos, mostrando-se hoje otimista nas lutas da vida. Cada momento da migração é um enquadramento que vai gerando uma diferente visão desta capital federal: “Acho que eles foram descobrindo que aqueles que podiam fazer parte da capital eram poucos para fazer o serviço que tinha que ser feito aqui. Então precisava de gente simples como a gente”. Francisca, uma das mais jovens dentre outras pessoas entrevistadas, aprendeu que pessoas do interior do país têm muita dificuldade de se adaptarem à vida e ao ritmo desta cidade. Brasília era antes, como se expressa hoje ela e sua tia Amélia, um bicho-de-sete-cabeças. Mas, depois que aqui chegaram e enfrentaram tantos problemas, sentiram sua capacidade de adaptação e não aceitaram voltar atrás, pois a vida aqui era, em vários aspectos, melhor que antes. As informações e imagens que tinham de Brasília foram se modificando na medida em que iam experimentando a vida nesta capital. Ver e sentir Brasília a partir de Bonfinópolis não era o mesmo que interpretá-la a partir de suas experiências morando nesta capital.

Vicente também revela este conflito de adaptação em outros ambientes, como na Capital Federal. Quando rompemos nossos laços com um lugar é mais fácil entendê-lo. Esta postura exige experiências diversas de identidade. E fazer esta experiência é fazer suturas e também rupturas entre realidades diferentes:

Bonfinópolis era bom demais. Quem nunca andou nem sente os problemas tão sérios que a gente viveu lá, pensa que tudo é natural. Depois que a gente saiu de lá é que a gente sabe o tanto que nós sofremos. Mas o sofrimento que tinha lá por uns pontos foi ruim, mas havia hora que a vida era muito boa lá. Lá a gente era dono de tudo, e aqui a gente não é dono de nada. Lá dependia muito pouco, só de Deus e da comunidade, da sociedade.

Vicente tem fortes heranças culturais que marcam suas memórias e exigem de sua vida rupturas e suturas. Ele interpreta que viver em Brasília é viver certo tipo de escravidão, comparando com a vida de Bonfinópolis. Contextos diferentes dos roteiros migratórios vão revelando interpretações diversas do sentido de sua vida. Lá eram donos da água que usavam, aqui tem que pagar. Aqui há muita gente, mas é grande o anonimato, as pessoas vivem ocultas: “Lá na roça você vai à festa pelas estradas, você está vendo as pessoas”. Aqui tudo é na alta velocidade e os endereços são complicados. Os parentes aqui vivem no trabalho e não têm tempo para acolher suas visitas: “Aqui não é lugar de passear”. Vicente tem dó das crianças, criadas na cidade como feras na gaiola. E não vê culpa nas crianças, ao dizer: “A culpa é da sociedade, é um conjunto. A sociedade é que criou este clima”. Na roça, diz ele, “a gente já teve muito tempo tranqüilo”.

E, finalmente, ele acha que é pura ilusão vir para a cidade grande. Mas também não acredita em volta para a roça: “Rapaz, não volta fácil, não. Ninguém volta pra roça mais, pois quem conhece a cidade, tudo é mais bonito, mas não olha o futuro da vida. Eu sou pessimista, mas eu não queria ser não”. E arremata novamente seu pensamento: “O que a boca fala é o que o coração mandou. E o coração também não aceita mentira”.

Vicente vive também as contradições entre o espaço de sua casa, lugar apertado entre vizinhanças, vendo as crianças sufocadas nas ruas, o barulho da cidade, diferentes de seu ambiente de trabalho. Aqui ele revive, de certa forma, seu passado na roça:

Há 13 anos trabalho na UnB (Universidade de Brasília). Gosto, porque o serviço é muito parecido com o meu lá da roça, serviço manual, só que é serviço mais maneiro e a gente é mandado, tem que cumprir horário. Mas é um campo aberto, tem muita árvore, muita fruta, tem passarinho cantando pra gente escutar, você pode deitar debaixo de uma árvore e descansar. Tem muita fruta. E é de onde eu tiro o pão de cada dia.

Adnélia, sua esposa, conta a história dos revoltosos, acontecida por volta de 1925. Estende-se por longa temporalidade da vida de sua família fazendo alguns enquadramentos. Faz memória de fatos ouvidos no tempo em que ainda criança, quando sua avó Zulmira falava destes revoltosos. Revela que até hoje ela se ajunta a alguns familiares, e vão até em Bonfinópolis para rezar a ladainha e rezas a São Sebastião, fazendo sempre a memória daquele acontecimento: “A gente não pode parar. É uma tradição muito antiga”. O passado é presente e pretende ser sempre futuro. Há uma identidade a ser mantida, mas é continuamente reconstruída. Os revoltosos teriam sido membros da Coluna Prestes que passaram pela sua região nos tempos de sua avó, conforme narrativas complementares de Sebastião Luis Brandão, parente distante desta família, ex-prefeito de Bonfinópolis e ex-dono das terras onde fica hoje a igreja de Lages. Lá se vão quase cem anos e as experiências antigas são vividas “por tabela” pelas novas gerações.

As experiências da vida tornam-se narrativas e narrativas tiram lições e aconselhamentos. São práticas de sabedoria que revelam vivências. Benjamin (1994, p. 200-201) percebe o senso prático das narrativas, o que chama de “dimensão utilitarista”. O narrador passa ensinamentos morais, sugestões práticas, provérbios e normas de vida:

Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada [...]. O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção [...]. O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”.

Benjamin (1994, p. 197), ao falar de narradores e suas memórias, diz: “O narrador não está de fato presente entre nós, em sua atualidade viva. Ele é algo de distante, e que se distancia ainda mais [...]. Uma experiência quase cotidiana nos impõe a exigência dessa distância [...]”. Eu diria também que o narrador se aproxima para nos cativar e nos encantar, e depois nos leva para distâncias no tempo e no espaço, deixando-nos marcas e valores. Voltando ao nosso espaço e nossas temporalidades, podemos aplicar algo desta sabedoria de vida. É, como diz Benjamin, um intercâmbio de experiências entre narradores e ouvintes, ao falar de dois tipos de narradores: o agricultor sedentário e o marinheiro viajante (BENJAMIN, 1994, p.198-199). Cada narrativa tem seu enquadramento, seus significados e sentidos do que aconteceu.

Este autor (1994, p. 224) ainda nos ensina a lidar com o passado destas narrativas, ao dizer que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo [...]”. Segundo ele, é preciso “despertar no passado as centelhas da esperança”. É, diz ele, o “privilegio exclusivo do historiador”. Basta ver as diferenças e até contradições nas narrativas destas pessoas sobre os mesmos fatos, como a da fabricação ou da conservação do fogo em Bonfinópolis. É como uma montagem de um quebra cabeça, ou uma arte em mosaicos. Bem que diz Alda:

São Sebastião lembra muito Minas. As pessoas são acolhedoras. Claro que tem gente grosso, atrevido, malandro, todo tipo. Eu gosto muito de São Sebastião [...]. Bonfinópolis é bom demais. Eu quero ir nas festas de forró em Bonfinópolis. É bom demais. Eu não esqueço nunca. Bonfinópolis é meu berço.

Migrar para uma cidade maior que a de origem, como para Brasília, com seus ares de modernidade e desenvolvimento, mesmo com idas e vindas entre a cidade de origem e este novo local de moradia, pode gerar grandes provocações, como as reveladas nas narrativas. As coisas podem se tornar, como diz Amélia, “esquisitas”. E ela explica o sentido deste termo: “Quando você mora num território onde você conhece todo mundo você sabe como é que você mexe. Quando você vai morar noutra lugar, você não sabe com quem está mexendo e nem que pode mexer. Mas vai acostumando”.

Laverdi (2005, p. 16-17), ao pesquisar processos migratórios no município de Marechal Cândido Rondon, oeste do Paraná, nas décadas de 70 a 90, diz que, entre antigos moradores de um local e novos migrantes, há estranhamentos mútuos pelas suas diferenças culturais. Estes estranhamentos provocam a afirmação de suas identidades num processo de metamorfose, expressão tomada por ele de Ciampa (LAVERDI 2005, p.174-175). Essas pessoas entrevistadas jogam sempre com suas experiências de vida, mas também com suas utopias de futuro. Reconhecem mudanças radicais em sua vida em seus conhecimentos e práticas. Admitem limites em não conseguirem viver valores do passado. Estranham ainda muita coisa da cidade onde agora vivem, mas admitem que o mundo passa por contínuas mudanças. De certa forma, os valores da Família do Manelim se desarticularam, mas esta família também recria laços de parentesco de formas diferentes. Há continuidades e descontinuidades.

André e Maria José, compraram, há pouco tempo, uma chácara onde reviveram, em parte, seu passado lavrador. E esta chácara teve significados que também superaram a visão

que antes tinham da roça. Dizia André: “Vamos usar também como meio ambiente. Plantar pra criar uma reserva para nós tudo, para quem viver por aí, quem vier visitar nós”, diz ele. Infelizmente, no início de 2008, a administração do GDF tirou estas pessoas desta terra por irregularidades jurídicas. André e sua família tiveram grande prejuízo, pois já tinham muitas plantações e criavam galinhas.

As relações humanas no mundo do trabalho da cidade também são diferentes. Vicente cultiva sua identidade de lavrador nos jardins e nas relações com a natureza na UnB. Manelim transformou seu lugar de trabalho na linda natureza do Zoológico de Brasília, em uma revivência de valores aprendidos onde nasceu. As mulheres da primeira geração trabalham mais em casa, mas mesmo aí criam pequenos espaços de hortas e plantas curativas, além de outros hábitos culinários. Eles conservam costumes religiosos e de festas que são traços e vestígios de tradições da vida trazidos de Bonfinópolis e outras terras de seus antepassados. São experiências que, mesmo distantes, cruzam-se continuamente, como trama de resistência cultural e sobrevivência familiar, com rupturas e suturas.

O tempo da cidade é diferente da roça. Lá parecia que havia mais tempo para convivência. Agora, na cidade, menos. Muita coisa que antes conseguiam com trabalho manual hoje se compra com o salário. Aqui, tudo parece se conseguir pelo dinheiro, enquanto lá havia mais escambos e partilhas. A memória destas histórias é reconstruída numa permanente seletividade de valores. É uma situação conflitiva, como diz Benjamin (1994, p. 220-221) Ele nos mostra que perdemos o jeito de falar da vida. Perdemos o espaço da narrativa e o gosto da convivência. E, contemplando a história, este autor assim a interpreta a partir de uma das obras do pintor Klee:

Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-la. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro. Essa tempestade é o que chamamos de progresso. (BENJAMIN, 1994, p. 226)

Em trecho de narrativa, Francisca, ao entrar em Brasília, disse à sua mãe Maria das Dores: “Mãe, eu quero voltar”. E ela: “Agora é daqui pra frente”. E Vicente diz aos que pensam em voltar para Bonfinópolis: “Rapaz, não volta fácil, não!”. Manelim, convidado também a voltar, dizia: “Daqui pra trás é nem um passo. Aqui cheguei onde estou e daqui é só

pra frente. Não volto mais não”. Ao mesmo tempo, essas pessoas têm muita saudade da vida em Bonfinópolis, como diz Alda: “Bonfinópolis é meu berço”. Mas, como os demais, Alda não vê como voltar atrás. O passado nunca volta tal qual ele foi, por mais que haja um vai-e-vem desta família entre sua terra de origem e esta capital federal onde ora vivem. Não há volta atrás a um passado como antes foi vivido, mesmo que a nostalgia aperte, ou até que voltem mesmo a residir na antiga cidade de origem.

Não sinto, contudo, remontando ainda à obra de Klee, que o chão se perca tanto debaixo da Família do Manelim. São pessoas que mantêm vínculos culturais entre si e com a terra de origem, numa migração pendular. Há perdas e nostalgias. Mas há conquistas e muitas esperanças. Há espírito de luta pela vida. O olhar para o passado traz tristezas sobre as quais nem querem falar: conflitos, fome, doenças, falta de conforto e de condições de vida, como o estudo. Mas estas memórias também trazem boas lembranças. Diz Alda: “Quando o ônibus passa aqui eu fico com olho comprido querendo ir pra lá passear”. Ou, como diz Amélia: “Estes outros aí de vez em quando ainda vão (à Bonfinópolis). Mas eu com meu velho, não estamos bem de ir. A cabeça fica grande, mas não vamos”. Como no caso do Anjo de Klee, o vento os toca para o futuro de forma quase irresistível. Bem que alguns gostariam, mas não há como voltar para lá. Mas as narrativas destas memórias e histórias são como terapias e alimentos para enfrentar seu futuro, apesar das limitações que a vida apresenta. Vicente diz:

Memória... porque quando a gente é novo a gente grava as coisas tudo, tudo que se fala fica lembrando e quando a gente vai ficando velho, vai esquecendo, esquecendo. Aí costumo dizer que a memória da gente é como um disco de barro que você faz, ele está mole. Aí tudo que você escreve nele ele aceita. E aí você queima aquele barro e ele fica gravado. E depois que endurece, ele não grava mais. Fala, mas ele não grava. Pra mim é que já endureceu o cérebro. Não grava mais. Não sei se era isso mesmo, mas eu faço esta comparação.

Diz Magalhães (2004b, p. 16) que a memória é infinita, “feita de imagens que irrompem, inclusive à nossa revelia. Não chegamos a apreender todo nosso ser quando lembramos, algo sempre nos escapa”. A história “constituída de memória, é urdidura e trama, é tecido do esquecimento e da lembrança, é passado e presente, pois neste ato de tecer, conseguimos ou não revelar semelhanças entre passado e presente, sintetizados num texto”. (MAGALHÃES; MATSUMOTO; NUNES, 2004, p.100). Por isso também, retomando Benjamin, dizem estes autores que as palavras “velam” e “revelam” com permanências e continuidades, e o presente é transformado.

Os vestígios e traços da história parecem ser pedaços de pano de múltiplas cores que sempre servem para serem cruzados, costurados, criando colchas de retalhos. Cada colcha revela seus desenhos e ocultam seus avessos, onde se escondem também suas tramas. Mulheres, de maneira especial, gostam de olhar o avesso de certas costuras para saber como seus fios e recortes foram cruzados e amarrados. Ali estão os segredos da arte. Toda arte tem seus segredos, como segredos também têm estas narrativas.

Muita coisa foi revelada nestas narrativas, que eu tentei interpretar. Muitos mistérios foram preservados, experiências ocultadas, espaços de privacidade reservados. Foi um trabalho cansativo para eles e para mim, mas que deixou um dos desenhos possíveis da história da Família do Manelim. Muita lembrança agradável foi produzida, e de muita coisa se viu, até de tragédias. Essas narrativas deixaram também rastros de mistérios, como revela o texto acima sobre o Anjo de Klee (BENJAMIN, 1994, p. 226).

Conclusões

Processos migratórios como estes da Família do Manelim são como uma “teia de conflitos”, no dizer de Laverdi (2005, p. 168). Nem tudo que vem da roça é bom e nem tudo que surge na cidade é nocivo. Migrações, como essas, são uma escola de vida, um acúmulo de histórias, memórias, vivências identitárias, experiências culturais, que são também teias de significados, usando expressão de Geertz (2000, p. 4):

Acreditando, com Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

Esta pesquisa é como que um periscópio (BERTAUX, 1980, p. 217), através do qual podemos perseguir, contemplar, captar e interpretar muitos significados. Mas muitos mistérios ainda ficaram a serem desvendados e partilhados nas teias das memórias da Família do Manelim, ou ocultados para sempre. Procurei conhecer suas experiências e sentidos de vida nesses processos migratórios. São como um vai-e-vem da história e da memória, onde estas pessoas reconstroem seus valores de vida, enfrentando desafios muitas vezes imprevistos.

Foi uma “descrição densa”, expressão de Ryle, citado por Geertz (2000, p.7), com uma “multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas”.

Hoje posso dizer que, em parte, criamos entre as pessoas entrevistadas e eu, certa transparência, mas continuamos com muitas de nossas diferenças de antes. Ou sentimos nossa vida como algo esquisito, expressão acima usada por Amélia, e comentada também por seu esposo Vicente. Este trabalho foi uma visita às temporalidades e espaços dos mundos da Família do Manelim.

Diz Geertz (2000, p. 9-10), citando Wittgenstein, que continuamos enigmas um ser humano a outro, eu e estas pessoas entrevistadas. Eu me situei uns momentos entre eles, mas não sou do seu meio como são seus próprios parentes. Criamos, como mostra Geertz (2000, p.10), contextos onde trocamos discursos e nos ajudamos a interpretar culturalmente, trechos de memórias e narrativas da história de vida de algumas pessoas, em determinadas situações espaço-temporais. Na medida em que as narrativas e conversas avançaram, fomos tentando interpretar nosso vocabulário para entendermos melhor o significado e o sentido de acontecimentos marcantes da vida (GEERTZ, 2000, p.19). Assim, eu me coloquei à disposição das respostas que me deram, e respondi a algumas perguntas que me fizeram, incluindo essas memórias em meu próprio contexto de vida (GEERTZ, 2000, p. 21).

Senti que estas memórias, também chamadas por eles e elas de cultura e de tradição, não podem morrer. Mas nem sempre é o que acontece. Elas podem ser esquecidas para sempre. Os costumes vão mudando, valores vão se modificando, e certas maneiras de viver vão sendo deixadas para trás, como bem expressou Maria José e seu esposo André. É outra cultura, é a evolução, dizem eles. Somos como o Anjo de Klee.

Os acontecimentos narrados podem parecer muito simples e repetitivos, mas ganham muitas facetas e interpretações. São narrativas que deixam muitas janelas abertas para serem reinterpretadas em cada temporalidade vivida, em cada espaço de convivência, histórias que não se encerram neste trabalho. Mistérios permanecem, guardados ou ocultados em fundos de baús, debaixo da terra, como antigos tesouros. Houve trechos de narrativas que foram selecionados por algumas pessoas entrevistadas em sua própria fala. Mas chegaram também a pedir que eu apagasse trechos já gravados, o que foi feito imediatamente. São fatos que desejam sepultar. Penso ainda que se fossem contar essas mesmas histórias a seus conterrâneos de Bonfinópolis, haveria outras construções de narrativas e outras interpretações.

A Família do Manelim foi para mim um berço acolhedor, um lar amigo, ou talvez, mais que tudo isso, um ventre onde gestamos juntos esta pesquisa tão cheia de vida, revelações e mistérios. O que se revela pode nos surpreender e encantar, mas o mistério sempre tem algo de sagrado que também nos atrai, mesmo sem sabermos seus porquês. São janelas que ficam abertas.

Suas casas, onde acolhi muitas de suas narrativas, são baús de preciosas lembranças. Fotos penduradas nas paredes ou guardadas nas gavetas, que em outro trabalho pretendo interpretar, assim como vários objetos antigos preservados, foram ativadores de suas memórias. Na medida em que narram suas histórias, estes objetos e fotos ganham novos significados. Mas não podemos nos enclausurar em nossas memórias sem percebermos as molduras sempre em mutação ao seu redor. É importante ter as janelas abertas de nossas casas, para olhar longe, olhar ao redor, e deixar que brote sempre aquele desejo de abrir as portas e sair, caminhar, penetrar outros mundos, para termos outras experiências, adquirirmos outros saberes, e não deixar a vida morrer.

Processos migratórios não são somente mudanças geográficas de espaços físicos. São experiências culturais. É algo da mente, do coração, dos sonhos, de pressões e atrativos. É uma fonte de gestação de valores que não deixam a vida se acomodar e onde passado e futuro ganham sentido na vida presente, somando experiências e expectativas. Migração é um processo diário, de cada momento, de acordo com as construções que temos de nossas identidades em cada contexto e temporalidades que vivemos. A cada momento vivemos confrontos culturais onde nossas tradições e origens são desafiadas. A Família do Manelim já vivia processos migratórios em Bonfinópolis, acolhendo em seu seio tantas pessoas que por lá passavam. Hoje, na cidade grande, sentem que a vida é diferente, mas vários valores antigos continuam presentes. Há descobertas que chegam e experiências que perduram e tudo é reconstruído a cada passo e situação de vida.

Manelim reconhece que esta pesquisa foi uma construção coletiva onde eu, eles e elas, nos empenhamos. Sabe que a escrita deste trabalho soma-se à força da oralidade de suas narrativas, sendo um atrativo para gerações mais jovens que nem sempre escutam os mais velhos. Diz: “Quem sabe os jovens, depois que for colocado num livro, num papel, eles já vão ler e passar a acreditar”. Sua irmã Maria José também se mostra agradecida, ao mesmo tempo em que revela as distâncias que existem entre a minha pessoa e seus familiares: “Estou admirando esse valor que o senhor que tem muita sabedoria, e que não precisa de coisas

assim, vir valorizar nossa cultura, nossas formas de falar. O senhor arranhou tempo pra vir apreciar nossa forma de conversar nessa cultura que a gente sabe falar e conta caso dela”.

Nenhuma história tem um fechamento ou um fim, pois sempre podemos abrir um outro leque de possibilidades de interpretação desta mesma história a partir das experiências vividas, contadas, escutadas pelas pessoas de ontem ou de hoje. E uma das formas de contar a história de Brasília - uma das óticas pela qual se pode ver esta cidade – foi esta pesquisa tirada das práticas, experiências e saberes desta família em seu processo migratório. “Cada ponto de vista é visto de um ponto”, diz o ditado popular. E cada ponto de vista sobre Brasília faz parte “de um campo de disputas de projetos que visam organizar a sociedade (MAGALHÃES, 2004a, p. 7).

Fazer um trabalho de pesquisa como este, levando-se em conta a oralidade em articulação com outras fontes, como fotos familiares, é abrir espaços para que possa explodir este desejo profundo que estas pessoas parecem ter, com suas histórias e culturas, de repassar e conosco reconstruir valores de vida, seja na velha Bonfinópolis ou na modernidade brasiliense.

Essas pessoas revelam, ao superar tantos obstáculos e desafios da vida, grande auto-estima, com base nos valores e iniciativas culturais de seu grupo social. Assim vão recriando e cultivando suas identidades, alimentadas em suas memórias e histórias, onde a volta periódica para Bonfinópolis parece ser uma necessidade permanente. É um movimento pendular, uma gangorra do tempo, onde ora pendem para lá, ora para cá, e assim a história caminha.

Francisca expressa bem este processo na própria vida social:

Numa época em que o tempo está passando tão rápido, a gente vai perdendo as raízes, as tradições, aquelas coisas que a gente tem. São coisas que vêm e coisas que a gente sabe que são coisas boas, que realmente a gente não pode perder. A gente vê que depois de tanto avanço de tudo, as pessoas tentam resgatar coisas lá trás, porque viu que perdeu e que tem que voltar e sem isso aí vão ficando. As gerações mais novas não vão ter contato com estas coisas e vai ser uma grande perda.

Vida se faz caminhando em contínua migração. Migra-se para viver. Vive quem está sempre migrando, senão geograficamente, pelo menos culturalmente, deixando que as teias de significados penetrem e deslizem nas teias de conflitos que surgem em seu cotidiano.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERTAUX, Daniel. **L'approche biographique: sa validité methodologique, ses potentialités**. Cahiers Internationaux de Sociologie, Paris, v. LXIX, 1980.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CAFFÉ, Eliane. **Narradores de Javé. Produção: Eliane Caffé**. Estúdio: Bananeira Filmes/ Gullane Filmes/ Laterit Productions. Rio de Janeiro: 2003, 100 min. 1 videocassete.
- COUTO, Ronaldo Costa. **Brasília Kubitschec de Oliveira**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2001.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- HALL, Stuart. In: Silva Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 103-133.
- LAVERDI, Robson. **Tempos diversos, vidas entrelaçadas: trajetórias itinerantes de trabalhadores no Extremo-Oeste do Paraná**. Curitiba-PR: Aos Quatro Ventos, 2005.
- MAGALHÃES, Nancy Alessio. **Mulheres presentes na História de Brasília – direito à vida**. Brasília: Ceam/Necoim-UnB, 2004a.
- _____. **Narrativas em vídeo: oral e visual como experiência de configuração de sentidos e temporalidades na história**. Cadernos do Ceam - UnB. Brasília, ano IV, n., 15, dez. 2004b.
- MAGALHÃES, Nancy Alessio; MATSUMOTO, Roberta K.; NUNES, José Walter. **Memória e história oral: esquecimento e lembrança no movimento de identidades**. Cadernos do Ceam – UnB. Brasília, ano IV, n.15, dez. 2004.
- MOURA, Antonio de Paiva. São Francisco - **A formação histórica do noroeste mineiro**. Disponível em: <http://www.tratosculturais.com.br/index.asp?item=CONTEUDO&codConteudoRaiz=92> Acesso em: 6 abr. 2007.
- PELUSO, M. L.; OLIVEIRA, WASHINGTON C. de. **Paisagem, população e poder**. 1. ed. São Paulo: Harbra, 2006. 121 p.
- POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista Estudos Históricos – Revista da Associação de Pesquisa e Documentação Histórica, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 202-215. São Paulo: Cpdoc/ FGV, 1992.
- UNIPAC. Disponível em: <<http://www.unipac.br/detalhes-cidade.php?id=141>>. Acesso em: 26 mai. 2008.

Anexo:

Narradoras e narradores desta pesquisa:

1. Manoel Conceição Ferreira do Prado (Manelim).
2. Maria das Dores Vieira do Prado
3. Maria José Ferreira Oliveira
4. André da Cruz Oliveira
5. Vicente da Cruz Oliveira
6. Amélia Vieira Cruz
7. José Amado Luís Brandão
8. Adnélia Ferreira de Aquino
9. Alda da Cruz Oliveira
10. Juvenal da Cruz Oliveira
11. Francisca Ferreira do Prado
12. Laureano da Cruz Oliveira

* Artigo recebido em maio de 2008. Aprovado em setembro de 2008.